

Sandra Jatahy Pesavento

Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s)

Vivemos em um mundo planetário. Globalizado, poderíamos dizer, embora este processo tenha começado desde há muito, remontando talvez, como enfatiza Serge Gruzinski, ao tempo da monarquia dos Reis Católicos, que englobava "as quatro partes do mundo"¹. Mas, com a era da comunicação de massa, esta sim característica de nossa contemporaneidade, todos ficamos realmente, interconectados. Se, com a descoberta da América, teve-se pela primeira vez consciência da finitude do mundo, através das viagens de circunavegação e pelo revelar-se de outros povos, estes *outros* nos quais os *mesmos* se descobriam, a realidade de hoje é mais abrangente, mais total na sua interconexão.

Podemos assistir, de casa, pela televisão, o mais recente acontecimento mundial, assim como víamos todas as noites, ao vivo e a cores, a Guerra do Golfo acontecer na tela, hoje, em tempo real ou quase, é possível "apreciar" a bomba do dia em Bagdá ou Israel. O *e-mail* nos une, a Internet nos permite acessar a todos os *sites* maravilhosos que só esperam pela nossa simples e imediata conexão. A partir de um certo nível sócio-econômico, consumimos produtos similares ou equivalentes aos de nosso pares de outros países distantes, acompanhamos tendências de moda e de alimentação, partilhamos uma cultura planetária de música, arte, literatura. Aldeia global, diria a rede Globo. Enfim, cidadãos do planeta Terra. O planeta é o limite.

Mas estamos aqui para falar de fronteiras. Nos últimos 15 anos, o mundo assistiu o derrubar de fronteiras e o erguimento de outras. Entre o local e o global, o nascer de novas figuras de identidade, a construir novos pertencimentos, produziram, conseqüentemente, novos recortes e separações. Pois, ao mesmo tempo em que suportamos em nós múltiplas identidades, somos sempre estrangeiros com relação a alguém ou alguma coisa, como diz Carlo Ginzburg². A queda do muro e o desmembramento do leste europeu, por um lado, a criação do Mercosul e da Comunidade européia, por outro, redesenharam as construções de pertencimento em um mundo globalizado.

Vivemos em um mundo sem fronteiras, repetindo o que se tornou um lugar comum, sem fronteiras na intenção dos discursos e da mobilidade dos povos, talvez, e também sem fronteiras na produção renovada de novos tipos humanos e práticas culturais. Mas ao mesmo tempo a reerguer barreiras e a construir referenciais imaginários de pertencimento, a combinar e tentar acomodar identidades e alteridades, o semelhante e o díspare. Paradoxos da contemporaneidade, onde a escala planetária deve coabitar com um *revival* de localismos, que reivindicam reconhecimento.

Há, sem dúvida, uma tendência para pensar as fronteiras a partir de uma concepção que se ancora na territorialidade e se desdobra no político. Neste sentido,

¹ Gruzinski, Serge. *Les quatre parties du monde*. Paris, Ed. La Martinière, 2004.

² Ginzburg, Carlo. *Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. II.

a fronteira é, sobretudo, encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície. Em suma, a fronteira é um marco que limita e separa e que aponta sentidos socializados de reconhecimento. Com isso, podemos ver, mesmo nesta dimensão de abordagem fixada pela territorialidade e pela geopolítica, que o conceito de fronteira já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença. Nesta medida, o conceito de fronteira trabalha, necessariamente, com princípios de reconhecimento, que envolvem analogias, oposições, correspondências, comparações, enfim. Trabalhar com fronteiras implica estabelecer um jogo permanente de interpenetração e conexões variadas³.

É por este viés de compreensão da fronteira que se confrontam a percepção da alteridade e da identidade, ou que se contrapõem às construções imaginárias de referência, definindo-se os *outros* com relação a *nós* e vice-versa. Portanto, o recorte epistemológico que "encerra" o conceito de fronteira é capaz de, paradoxalmente, anular este mesmo critério do espaço e avançar para o plano dos significados partilhados⁴. É ainda por este enfoque que podemos dizer que as fronteiras, antes ou além de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, construções culturais e simbólicas, como refere Pierre Bourdieu⁵.

Embora a dimensão geopolítica seja importante, pois trabalha com os jogos de poder, com as negociações diplomáticas e com as guerras de fronteira, importa pensar o conceito de forma mais ampla: fronteira como margem em permanente contato, como passagem a proporcionar mescla, interpenetração, troca e diálogo, que

³ Cf. Pesavento, Sandra Jatahy. "Além das fronteiras". In: Martins, Maria Helena (org.). *Fronteiras culturais (Brasil, Uruguai, Argentina)*. São Paulo: Atelier, 2002.

⁴ Consultar, para os estudos de fronteira, a produção de Susana Bleil de Souza sobre o tema. Entre outros, destacam-se: Souza, S.B. "Identidade e nacionalismo no processo de integração da fronteira uruguaia no final do século XIX". In: *Humanas. Globalização, Nacionalismo e Regionalização*. Porto Alegre, IFCH/UFRGS, v. 18, n.12, jan.-dez. 1995, p.154-173; Souza, S.B.; Prado, F. "O Brasil e suas representações na fronteira platina". In: *RS 200 anos: definindo espaços na História Nacional*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2001; Souza, S.B. "Fronteiras na História: os espaços norte-americano e platino no século XIX". In: *Terra Brasil 500 anos*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 2001; Souza, S.B.; Prado, F. "Brasileiros na fronteira uruguaia: economia e política no século XIX". In: *Segundas Jornadas de História Econômica*. Montevideu: Asociación Uruguaya de Historia Económica, jul. 1999. CD-ROM. Consultar, ainda: Turner, Frederick Jackson. *The frontier in American history*. New York: Dover, 1996; Silva, José Luiz Werneck da. *As duas faces da moeda: a política externa do Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Universidade Aberta, 1990; Bandeira, Luiz Alberto Moniz. *O expansionismo brasileiro e a formação dos estados na Bacia do Prata. Argentina, Uruguai e Paraguai: da colonização à guerra da Tríplice Aliança*. Brasília: Ensaio/UnB, 1995.

⁵ Bourdieu, Pierre. "A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região". In: *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

se traduzem em produtos culturais⁶. Assim, as fronteiras remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e idéias.

Fronteiras são janelas e portas, que tanto no plano da literalidade como no da metáfora permitem a passagem, mas também impedem a entrada. Fronteiras limitam, encerram e fecham, negam o diálogo e o contato, tal como podem abrir, comunicando e aproximando as partes, criando laços, correspondências, percursos de vida em paralelo, convergências, oposições e competição. Se as fronteiras tivessem um deus a presidir sua existência, um deus grego que tutelasse a existência, ele seria Hermes, o deus do movimento e do comércio, e também das soleiras, a indicar uma ambigüidade de condição: entrar e sair, fechar e dar passagem.

Falemos, pois, de fronteiras, mas não exatamente as da geopolítica, que realizam tratados, discutem alíquotas, integram – ou criam obstáculos a – mercados, calculam taxas, intercambiam discursos e assinam acordos de aliança e amizade, nem sempre cumpridos pelas autoridades competentes.

Queremos falar das fronteiras culturais, onde está pressuposto que um universo simbólico de sentidos viaja no tempo e no espaço dentro de uma comunidade de agentes que são, pela sua condição fronteiriça, semelhantes e díspares, ao mesmo tempo. Latino-americanos, brasileiros, argentinos, uruguaios, chilenos, venezuelanos, etc, etc. Na América do Sul, somos muitos e somos um só, talvez... Somos parecidos, *hermanos* e estrangeiros uns aos outros, ao mesmo tempo.

Pensemos, pois, estas fronteiras culturais, responsáveis por maneiras de ser e pensar, como um *background* imaginário que reconstrói o real e dá sentido ao mundo, permitindo responder aos desafios da existência.

Fronteiras culturais implicam uma dimensão basculante entre duas realidades, em ambivalência de sentidos: ser um e ser dois ao mesmo tempo, ser si próprio e ser o outro. Ser *doble chapa*, como se diz na fronteira do Uruguai com o Brasil, onde os habitantes de Santana do Livramento atravessam a rua e se encontram em Rivera, em território uruguaio.

Mas as fronteiras não são somente isto, como uma combinação de dois em um. Entendemos que fronteiras são muito mais do que a ambivalência, pois são também dotadas de uma certa ambigüidade. Com isto queremos dizer que se presume neste conceito de fronteira uma promessa de superação dos seus elementos constitutivos e a produção de um terceiro: ser fronteira é produzir algo mais, é ser um *plus*, é ser mais ainda do que uma soma de partes. É produzir um novo, específico, distinto das partes constitutivas. Uma nova identidade, portanto, fenômeno cultural surgido da integração entre elementos, cada qual com as suas características, dando surgimento a um outro ser, original.

Esta mescla e mistura que elabora uma maneira de ser específica nos remete ao conceito da mestiçagem. A mestiçagem, visualizada sob o enfoque do biológico e carregada de preconceitos, já foi, em outro século, fator de estigma e hierarquização

⁶ Para uma análise das representações da fronteira no pensamento brasileiro, relacionadas à questão da identidade nacional, consultar a obra de: Lippi, Lúcia. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000.

dos povos. Hoje, a mestiçagem racial e étnica é a realidade da Europa, esta Europa que está a construir um mercado unificado e uma comunidade transnacional, mas na qual pululam microidentidades a reivindicar formas de ser e valores específicos, muito peculiares.

É neste sentido que o termo de ambivalência resulta adequado à concepção da mestiçagem: nem *isto* nem *aquilo*, mas *isto e aquilo* ao mesmo tempo. O que, contudo, ultrapassa sua condição de ambivalência é o caráter ambíguo que a mestiçagem comporta: ser mestiço é ser também um terceiro, um outro. O conceito de ambigüidade, que pode ser atribuído à mestiçagem, remete a um terceiro oculto, a uma promessa de superação e de definição a partir da presença de um outro que se insinua. Nesta medida, a mestiçagem produz algo novo, é um ingrediente cultural de criação de outras possibilidades neste mundo de fabricação de significados que é a cultura.

Mas, como havíamos avançado, para além do entendimento que conduz à mescla biológica ou ao hibridismo dos costumes, a mestiçagem cultural permite a produção de um ser original, de uma elaboração nova, peculiar.

Gostamos de pensar, por exemplo, a realidade brasileira não como a reunião de três raças ou da combinação de traços culturais das mesmas, mas como uma construção cultural propriamente brasileira, inusitada, genuína, especialíssima! Não que estejamos a defender uma posição ingênua da busca do autêntico, de uma alma da terra intocada, não contaminada pelas influências externas, reserva de verdade e identidade. Hoje sabemos, em nosso mundo tecnologizado, que somos especialistas em fabricar produtos e costumes autênticos e genuínos com alto grau de confiabilidade e destinados a um consumo certo no mercado do *folk*, do *ethnic* e do turismo! Turistas, em princípio, querem todos, ao viajar, ter a mágica combinação do autêntico, diferente e original de cada povo combinado aos padrões de hotel, alimentação, higiene e cortesia ou humor a que estão habituados.

Neste contexto, entre o planeta e a aldeia, como poderíamos avaliar uma situação bem peculiar: aquela que integra, aproxima e faz interagir, pela realidade de uma certa fronteira geopolítica, os povos do chamado Mercosul?

A região do chamado Mercosul, bem o sabemos, combina o tradicional recorte das fronteiras geopolíticas com a condição peculiar de ser fronteira viva, de contato direto entre os povos.

Como estamos nós neste mundo globalizado, de perfil planetário, mas que cultua as diferenças? Seríamos nós todos *sul-latino-americanos*, reconhecidos como tal pelos outros e, sobretudo, por nós mesmos, no endosso de um pertencimento?

Nós, os do sul. Nós, os de *abajo*. *Nosotros, los hermanos* deste Cone Sul. Será mesmo que teríamos uma identidade especial a nos unir, e nos fazer diferentes dos demais? Afinal, temos uma história em comum, de guerras e amores, de vitórias e derrotas, de experiências políticas nem tão salutares assim, de tragédias e piadas, de costumes e usos, desde os alimentares ao ritmo da música, de clima e de vento, de inverno e de frio, a compartilhar heroicamente este extremo da América do Sul.

Estamos bem enquanto fronteira cultural que possibilita coesão social e reconhecimento entre nós mesmos, a desafiar, com nossa maneira próxima de pensar, ser e expressar-se, os demais?

Nem tanto. Há muito para trocar, compor, recompor.

A começar pela língua. É conhecido que nós, os do sul, falamos *portuñol* quando queremos nos comunicar uns com os outros. Cada um a pensar, naturalmente, que está a falar a língua do outro... Mas nos entendemos, graças a Deus, apesar dos sotaques e erros de gramática, acentuação tônica e tempos verbais.

Entretanto, a linguagem falada remete à linguagem escrita, e no plano do impresso, estamos longe de ter um satisfatório conhecimento sobre o outro. Por mais que seja difícil de dizer, entendo que ainda um abismo nos separa. Pouco se lê sobre o que se escreve nos países vizinhos, de um e de outro lado das tais fronteiras.

Sem dúvida que ocorrem iniciativas louváveis – como esta que nos reúne, por exemplo, além de outras mais⁷ –, com certos programas de pós-graduação que intercambiam alunos e professores, alguns poucos projetos de pesquisa levados em conjunto, mas creio, firmemente, que ainda é pouco.

Nossas fronteiras culturais preservam identidades em um mundo planetário, mas relutam em aprofundar as convergências, tal como em analisar os distanciamentos.

Como historiador, tendo a pensar que nosso passado em comum, atravessado por guerras e sedimentado pela apropriação da terra e do gado, sacramentado em tratados, sempre rompidos, mas renovados, em persistente comércio, a se realizar secularmente pelo contrabando, teria ainda muito a nos dizer. Mas o passado, este país distante e estrangeiro onde se fala uma língua diferente⁸, nos fala se fizemos perguntas e lhe lançamos questões.

E quais seriam estas, por exemplo, se pensarmos em fronteiras culturais em termos de concorrência e convergência?

Arrisco a lançar uma proposta de abordagem e o levantamento de algumas perguntas, que não são de todo inovadoras, a questão de quem teve a primeira iniciativa é sempre discutível..., mas entendo como possibilidades de executar um trabalho proveitoso.

A abordagem é a de uma história comparada, uma *connected history*, que nos permitiria dar conta do todo e da parte, da fronteira e da mestiçagem, do jogo de identidade e alteridade.

Poucos são os estudos que, no domínio da história, se dispõem a pensar esta realidade, planetária e globalizada, a partir de suas margens, ou seja, a partir de situações de fronteira, onde o pesquisador deve fazer aparecer, por trás das diferenças cultivadas pelos antropólogos e pelas historiografias nacionais, continuidades e ressemantizações, em uma rede de conexões significativas.

No que diz respeito à realização de uma história comparada, é preciso remontar às formulações de March Bloch em seu artigo *Pour une histoire comparée des sociétés européennes*, publicado na *Revue de Synthèse*, nº 46, em 1928, artigo

⁷ Refiro-me, em especial, ao projeto de Fronteiras culturais levado a efeito por Maria Helena Martins, Centro de Estudos e Pesquisas Cyro Martins e por Lígia Chiappini, da Universidade Livre de Berlin, do qual faço parte, ou as iniciativas de Eduardo Deves Valdés, da Universidade de Santiago do Chile.

⁸ Para usar a expressão de L. P. Harthley.

este que foi republicado depois em *Mélanges historiques*, em 1963⁹. Nesse artigo, Bloch se afirmava inspirado pelo método comparativo na linguística, estabelecido por Antoine Meillet, e estabelece algumas reflexões:

O que é, antes de mais nada, em nosso domínio, comparar? Incontestavelmente, isto: fazer escolha em um ou mais meios sociais diferentes, de dois ou mais fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar entre si certas analogias, descrever as curvas de suas evoluções, constatar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicar umas e outras. Portanto, duas condições são necessárias para que aí haja, historicamente falando, comparação: uma certa semelhança entre os fatos observados – o que decorre de si próprio – e uma certa dessemelhança entre os meios onde eles são produzidos¹⁰.

Basicamente, este método de comparação tanto dá a ver a diferença, essencial para os historiadores que se defrontam, necessariamente, com a alteridade do passado, quanto permite pensar a unidade fundamental do espírito humano, que se expressa em continuidades e rupturas, divergências, contraste, analogias e sínteses.

Frente a tal definição, Marc Bloch estabelecia duas vias possíveis para o estudo de uma história comparada. Uma delas seria a de escolher como objeto de estudo dois ou três fenômenos em dois meios sociais com espaço e temporalidade diferentes, para aí estabelecer as analogias e as diferenças que tais fenômenos possam apresentar entre si. Outra via seria a de estudar, em paralelo, duas sociedades, vizinhas e contemporâneas, cuja evolução no tempo tenha se dado no mesmo sentido e sujeita às mesmas causas e influências.

Bloch recusou a primeira via que, a seu juízo seria, por definição, a-histórica e aleatória. Julgamento que julgaríamos, hoje, questionável, por entender que idéias viajam no tempo e no espaço e é possível comparar dois tempos e lugares, se abandonar o contexto histórico, mas enfocando justamente o momento de recepção de tais idéias. Optando pela segunda via, Bloch estabeleceu os passos do método a serem utilizados:

- Formulação do problema, através de uma questão que faça *falar a fonte*; da questão colocada é que se identificam semelhanças entre fatos ou fenômenos nas sociedades escolhidas.
- Identificação e avaliação das influências recíprocas que as sociedades vizinhas, no tempo e no espaço, exercem uma sobre a outra.
- Busca dos motivos/causas/processos que levaram à constituição das semelhanças observadas.
- Identificação e análise das diferenças e especificidades apresentadas pelos dois contextos em comparação.

A proposta de Bloch era a de que se pudesse construir uma história transnacional, em reação às fragmentações e ao próprio eurocentrismo das concepções da história. Não é possível esquecer que os escritos de Marc Bloch se colocavam como uma contestação à visão da história metódica francesa, de Langlois e Seignobos,

⁹ Bloch, Marc. "Pour une histoire comparée des sociétés européennes". In: *Mélanges historiques I*, Paris, 1963. pp. 16-40.

¹⁰ Ibid., p.17.

expressa na renomada publicação de 1901, *Introduction aux études historiques*, e que visava a dar à História a cientificidade obtida por Durkheim no domínio da sociologia. Em sua obra póstuma e inacabada, publicada por Lucien Febvre em 1949 com o título de *Apologia para a história ou o ofício do historiador*¹¹, Marc Bloch se preocupava não só em definir a história como uma ciência dos homens no tempo, mas como uma ciência especial, *poética*, enfatizando a posição do historiador frente ao seu ofício e definindo seus métodos de trabalho. E, dentre estes métodos, Marc Bloch defendia aquele da história comparada. A rigor, vemos que, desde cedo, a história se propusera a enfrentar o desafio lançado por Durkheim, onde se colocava a comparação no seio da disciplina: como ciência, a história se propõe a explicar e, explicando, necessariamente compara¹².

As formulações de Bloch se colocam quando o método comparativo já se estabelecera entre as ciências vizinhas, seja na lingüística, seja nos estudos sobre mitos e religiões, no caso de uma antropologia e etnografia, ou, ainda, nas abordagens de uma literatura ou de uma política comparada.

Se, dentro da história, as propostas de Bloch neste domínio não tiveram muitos seguidores em um primeiro momento – exceção feita a Fernand Braudel, com sua já clássica obra sobre o Mediterrâneo, e Immanuel Wallerstein, nos Estados Unidos –, a partir de 1958 o periódico americano *Comparative Studies in Society and History* foi um veículo de difusão desta tendência, particularmente no que diz respeito a artigos escritos sob o influxo de uma história das mentalidades, em um primeiro momento, e após, sob o da história cultural¹³.

Em estudo publicado na década de 80, Charles Tilly¹⁴ distinguiu diferentes modalidades de abordagem de uma história comparada, como a globalizante de Braudel e Wallerstein, a universalista de Skopol¹⁵ ou a baseada em variações de grau de um mesmo fenômeno, como em Barrington Moore¹⁶.

Em 1974, a historiografia francesa derivada da Escola dos Annales lançou uma obra onde fazia um balanço do *estado da arte* deste campo do conhecimento. Neste livro, um artigo de Nathan Wachtel¹⁷ recuperava a importância dos estudos da história comparada, sobretudo no domínio do cultural.

Ao analisar as condições de interação entre duas culturas, Wachtel discutia a aplicação ou transposição deste conceito, na sua passagem do campo da antropo-

¹¹ Bloch, Marc. *Apologie pour l'histoire ou le métier de l'historien*. 7.ed. Paris: Armand Colin, 1974.

¹² Aymard, Maurice. "Histoire et comparaison". In: Burguière, André; Atsma, Hartmut. *Marc Bloch aujourd'hui: histoire comparée & sciences sociales*. Paris: EHESS, 1990.

¹³ Grew, Raymond. "On the current state of comparative studies". In: Burguière e Atsma, op. cit.

¹⁴ Tilly, Charles. *Big structures, large processes, huge comparisons*. New York: Russel Sage Foundation, 1984.

¹⁵ Skopol, Theda. *States and social revolutions: a comparative analysis of France, Russia and China*. Cambridge, 1969.

¹⁶ Moore, Barrington. *Social origins of dictatorship and democracy*. Boston, 1957.

¹⁷ Wachtel, Nathan. "L'acculturation". In: Le Goff, Jacques; Nora, Pierre. *Faire de l'histoire: nouveaux problèmes*. Paris: Gallimard, 1974.

logia para o da história. Procurando definir a aculturação, Wachtel denunciava a idéia subjacente da supremacia de uma cultura sobre a outra, o que explicaria, nas sociedades coloniais, a passagem das culturas indígenas a um estágio superior, pelo contato com a cultura dos conquistadores europeus. O fenômeno, no caso, seria global, e as culturas americanas integrariam elementos da européia sem perder as suas características originais. A complexidade do fenômeno seria de tal ordem, acentuava o autor, que era preciso estudar os casos concretos na sua especificidade, para então aplicar o método comparativo, isolando os traços aparentes do contato cultural, a fim de elaborar tipologias e interpretação, com uma análise estrutural e histórica destes elementos. Wachtel era, contudo, uma voz isolada no contexto da trilogia que prestava contas do fazer história na França.

Vinte anos depois da publicação em *Faire l'histoire*, uma nova obra, *Passés recomposés* - se propôs a realizar mais uma *mise au point* da historiografia francesa, na qual a história comparada era novamente aventada. No artigo de Heinz-Gerhard Haupt¹⁸, a constatação era a de que, apesar da proposta pioneira de Marc Bloch, o método comparativo fora pouco utilizado nos domínios da historiografia francesa. A França fora sempre muito autocentrada em sua história nacional, apesar de não se furtar a pensar também a diversidade, comentava o articulista.

É sintomático que o autor deste artigo, que assinala esta lacuna, não fosse francês, mas sim alemão, especialista na história francesa. Também da autoria de um outro historiador alemão, Peter Schottler¹⁹, seria o artigo publicado na revista francesa *Genèses*, de setembro de 1994, sobre os desafios dos estudos comparativos em história. Ou seja, a historiografia francesa não primava por trabalhar com este tipo de abordagem e método.

Entretanto, nos anos 80, François Hartog mostrava, em artigo pouco conhecido, que, para passar do paralelo à comparação, era preciso remontar aos clássicos e ter em mente uma certa mudança na relação com o tempo²⁰. Enquanto que o estudo em paralelo funcionava como que se fosse um espelho, que devia remeter à imagem daquilo que se desejaria ou que deveria ser, indo do passado ao presente do leitor, o estudo comparado, como saber heurístico, produzia um novo conhecimento sobre o objeto.

Atualmente, destacam-se os estudos que vêm sendo realizados, neste âmbito, pelo historiador francês Serge Gruzinski²¹. A análise de Gruzinski vem representar um aprofundamento das questões até então enunciadas, bem como apresenta elementos de renovação para esta história. Sua proposta de pesquisa se fundamenta,

¹⁸ Haupt, Heinz-Gerhard. "O lento surgimento de uma história comparada". In: *Passés recomposés*. Paris: Autrement, 1995.

¹⁹ Schottler, Peter. "Le comparatisme en histoire et ses enjeux". In: *Genèses*, Paris, n.17, sept. 1994.

²⁰ Hartog, François. *Du parallèle à la comparaison: entretiens d'archéologie et d'histoire*. Saint Bertrand de Comminges, s.d.

²¹ Gruzinski, Serge. "Les mondes mêlés de la Monarchie Catholique et autres connected histories". In: *Annales*, HSC, fév. 2001.

no plano teórico e metodológico, na história cultural²² e na antropologia histórica²³. Entretanto, Serge Gruzinski destaca os limites da história comparada. Ela figurou, por muito tempo, como uma alternativa exequível e inspirou intercâmbios frutíferos, mas as perspectivas que ela ofereceu foram, por vezes, enganosas. A escolha dos objetos a comparar, os contextos levados em conta, os critérios e os determinismos selecionados, quer fossem de ordem climática, geográfica, econômica, técnica ou cultural, as grades de interpretação, as problemáticas subjacentes, nascimento ou rejeição da modernidade, construção do Estado, modos de produção, permaneceram tributários de filosofias ou de teorias da história que continham, nelas mesmas, as respostas para as questões levantadas. No pior dos casos, assevera Gruzinski, a história comparada não foi senão a descoberta insidiosa do eurocentrismo.

Em termos de América Latina, muitas tentativas para confrontar as distintas realidades serviram para confirmar um pressuposto enunciado, do tipo colonialismo cultural e bi-polaridade dominação-resistência. A resposta já estava dada antes da formulação da pesquisa. Quanto à obra pioneira de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, que partia de uma comparação entre a colonização espanhola e a colonização portuguesa, ela continua a ser um ensaio tão brilhante quanto isolado no seio da produção latino-americana²⁴.

Centralizando a análise na realidade americana, a proposta de Serge Gruzinski é de pensar esta problemática da história comparada a partir das manifestações de ocidentalização na América Ibérica, tal como sobre as dinâmicas da mestiçagem cultural que se processam. As *connected histories* poderiam se constituir em uma resposta às retóricas da alteridade que erguem obstáculos tão discutíveis quanto a pesada herança das historiografias nacionais produzidas. Caberia ao historiador desenterrar, sob as diferenças construídas no imaginário social, a continuidade ou a diferença que são, com frequência, minimizadas, quando não são postas simplesmente de lado.

De maneira especial, a pesquisa se orienta para o estudo dos fenômenos de amálgama, de mistura e de hibridação, que se realizam no contato entre Europa e América e que se traduzem em produtos culturais, sob forma de textos ou imagens, os quais não se enquadram mais como sendo de origem ameríndia ou dos colonizadores europeus. Trata-se, na posição de Gruzinski, de uma nova

²² Para uma reflexão sobre a História Cultural, consultar: Chartier, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990; Chartier, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002; Hunt, Lynn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992; Appleby, Joyce; Hunt; Lynn; Jacob, Margareth. *Telling the truth about History*. New York: W.W. Norton, 1994; Burke, Peter. *Varieties of Cultural History*. New York: Cornell University Press/Ithaca, 1997; Carrard, Philippe. *Poétique de la Nouvelle Histoire*. Lausanne: Payot Lausanne, 1998.

²³ Para as relações entre Antropologia e História, consultar: Hartog, François. "Sahlins et l'anthropologie de l'histoire". In: *Annales*, ESC, 38^o année, n.6, nov.-déc. 1983; Hourcade, Eduardo; Godoy, Cristina; Botalla, Horacio. *Luz y contraluz de una Historia Antropológica*. Buenos Aires: Biblos, 1995; Schwarcz, Lilia K. Moritz; Gomes, Nilma Lino (org.). *Antropologia e história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

²⁴ Holanda, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

singularidade, que ele define como de mestiçagem²⁵ e que não pode ser entendida por um conteúdo puramente racial ou étnico, de mescla biológica que produz indivíduos *diferentes*, ainda que este traço seja fundamental para a compreensão da América. A mestiçagem é uma situação basculante entre dois âmbitos, como realidade que não parece pertencer nem a um nem a outro de seus elementos componentes, mas sendo, ao mesmo tempo, parte de ambos²⁶.

De certa forma, as análises de Gruzinski aprofundam a condição prevista por Bloch para o estudo paralelo de comunidades vizinhas e contemporâneas que tenham sofrido a injunção dos mesmos processos no tempo. Ao escolher para a análise de seus trabalhos a dinâmica da confrontação da América portuguesa com a espanhola²⁷, Gruzinski parte para a análise de propor, dentro destes mundos conectados, o estudo de um espaço contíguo e partilhado, *vis a vis* entre as duas frentes de colonização. Com tal abordagem, o estudo comparativo avança para os domínios das regiões de fronteira, noção esta que se revela em toda a sua importância, para o nosso caso do Mercosul.

Neste sentido, entender o processo de ocidentalização do mundo a partir da região da fronteira platina, no sul do Brasil, vem contribuir pela construção de um novo enfoque, tanto para a globalização como para as próprias histórias nacionais e regionais, ultrapassando estes marcos.

Figurando um trânsito não apenas de lugar, mas também de situações ou mesmo épocas, assim como de populações, a fronteira introduz uma nova reflexão: a de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira é, sobretudo, híbrida e mestiça. Neste ponto, retornamos ao conceito anterior, pensando a mestiçagem como uma situação de fronteira, no sentido da ambigüidade, acima apontado²⁸, e que remete à produção de um elemento novo, *sui generis*.

Neste caso, pode-se ainda entender o marco da fronteira como possibilitador de uma transcendência. Enquanto realidade histórica transcendente, a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além²⁹. É por este caminho que o conceito de fronteira se constrói num jogo de abertura e fechamento, de enfrentamento e negociação, de inclusão e exclusão, a demonstrar que é nestes territórios de fronteira que se situa a dinâmica da produção de algo híbrido, mestiço.

A condição de fronteira é a de ser *ex-cêntrica*, ou seja, aquela que é dada pela situação de ser borda, margem ou franja. Não estar no centro é, pois, tanto estar distante quanto ser diferente. Se a fronteira é trânsito e passagem, onde se trocam sinais e se mesclam experiências, se é marco que ultrapassa os próprios limites fixados, ela proporciona o surgimento de novos sentidos e códigos.

²⁵ Gruzinski, Serge. *La pensée métisse*. Paris: Fayard, 1999.

²⁶ Pesavento, Sandra Jatahy. *Cidades mestiças*. Santander, Espanha: Universidad de Cantábria, 2001. (conferência)

²⁷ Gruzinski, Serge. *1480-1520: a passagem do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; Gruzinski, Serge. "A América espanhola vista desde o Brasil português". In: *Actas do Congresso Internacional Portugal-Brasil*. Lisboa: Ministério da Educação Pública, out. 2000.

²⁸ Pesavento, "Cidades mestiças", op.cit.

²⁹ Pesavento, "Além das fronteiras", op.cit.

E, nesta medida, defendemos uma história comparada para a situação do Mercosul, que possa resgatar, entre outras coisas, algumas questões que ainda merecem discussão, a nosso ver. Estas questões se situam no âmbito de uma história cultural, que pudesse dar conta da construção, partilha e concorrência de construções imaginárias de sentido entre os povos do Mercosul, resgatando práticas sociais e representações, que dessem margem à elaboração de uma história comparada. Face a estas realidades misturadas, mudam-se as próprias escalas para apreciação do espaço e das temporalidades, diante da criação de novos parâmetros de significação para o mundo.

Estas questões seriam, no plano das convergências e divergências, um ensaio de história comparada entre o sul do Brasil e seus vizinhos do Mercosul:

- *Honra, justiça, crime, injúria, códigos de conduta e valor: representações culturais do ser e do proceder no século XIX:*

Seríamos, todos, *os do sul*, tributários de uma violência intrínseca, forjada a partir de nossa condição histórica semelhante, com pequenas variações de conduta? O fato de o Império brasileiro ter consolidado uma aristocracia, com a noção de linhagem, seria uma indicação de distinção do Rio Grande do Sul face os vizinhos platinos? Entre o duelo ritual e o uso imediato da arma branca ou pistola para ajuste de contas, como se aproximam e distanciam *os do sul*? Em que medida a dita imigração estrangeira e européia do século XIX influiu sobre este processo?

- *Um imaginário Sul-latino-americano:* existe uma construção identitária de pertencimentos que aproxime e seja partilhada pelos povos integrantes do Mercosul? Que discursos e imagens constroem este pertencimento? Considerando processos históricos formativos similares e específicos, como se dá a delimitação das alteridades, internas e extranacionais? E, com isto, chegaríamos a um aprofundamento daquele paradoxo apontado: em situações de fronteira, ou seja, de contato cultural entre povos, as peculiaridades de cada parte constitutiva tenderiam a se diluir, a se atenuar, para construir talvez novos tipos, diferentes dos demais, únicos?

Através desta abordagem e de tais preocupações, entendidas como pertinentes, estaríamos talvez contribuindo para um avanço dos estudos no campo da história, cultural e comparada, e abrindo novas oportunidades de pesquisa em conjunto para nós, *os do sul*.